

Uma diversão civilizada para um bairro moderno: o hipódromo de Vila Isabel (Rio de Janeiro; 1884-1890)

A civilized entertainment for a modern neighborhood: the Vila Isabel racecourse (Rio de Janeiro; 1884-1890)

Una diversión civilizada para un barrio moderno: el hipódromo de Vila Isabel (Rio de Janeiro; 1884-1890)

*Victor Andrade de Melo**

<http://orcid.org/0000-0002-1983-1475>

RESUMO: Na metade inicial dos anos 1870, foi criada a Vila Isabel, primeiro bairro planejado do Rio de Janeiro, uma iniciativa privada. O objetivo deste estudo é discutir a experiência de um hipódromo que, nessa localidade, por quase seis anos manteve-se em funcionamento, buscando compreender sua relação com os processos de urbanização, especialmente com os intuítos do empreendimento imobiliário. Como fontes, foram utilizados periódicos publicados entre 1884 – ano em que o Prado foi inaugurado, e 1890 – quando se encerrou sua trajetória. O intuito é lançar um olhar para a história da cidade a partir de um indicador de urbanidade – a estruturação de entretenimentos públicos. Ao fim, conclui-se que o hipódromo investigado foi entendido como estratégia de produção do espaço, uma agência interveniente no desenvolvimento e forja de um perfil do local – uma diversão civilizada para um bairro moderno.

Palavras-chave: História do Rio de Janeiro. História do Esporte. Vila Isabel. Turfe.

ABSTRACT: In the early half of the 1870s, Vila Isabel was created, the first designed neighborhood in Rio de Janeiro, a private initiative. The objective of this study is to discuss the experience of a racecourse that, in this location, for six years has remained in operation, seeking to understand its relationship with the urbanization processes, especially with the intentions of the real estate

* Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Estudos de Pós-Doutorado em História (UFF/2010). Últimas publicações: Inglaterra, França, Argentina: circulação de ideias na imprensa esportiva do Rio de Janeiro do século XIX. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 46, n. 2, p. 1-17, 2020; Educação do corpo nas escolas do Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020. Área de estudos: História do esporte e do lazer. E-mail: victor.a.melo@uol.com.br.

company. As sources, were used newspapers and magazines published between 1884 – the year in which the racecourse was inaugurated, and 1890 – when its trajectory ended. The aim is to take a look at the history of the city from an urbanity indicator - the structuring of public entertainments. In the end, it is concluded that the investigated racecourse was understood as a space production strategy, an agency intervening in the development and forging a profile of the place – a civilized diversion for a modern neighborhood.

Keywords: Rio de Janeiro History. Sports History. Vila Isabel. Horse racing.

RESUMEN: A principios de la década de 1870, se creó Vila Isabel, el primer barrio planeado en Río de Janeiro, una iniciativa privada. El objetivo de este estudio es discutir la experiencia de un hipódromo que, en este lugar, durante seis años se ha mantenido en funcionamiento, buscando comprender su relación con los procesos de urbanización, especialmente con las intenciones del emprendimiento inmobiliario. Como fuentes, se utilizaron revistas y periódicos publicados entre 1884, año en que se inauguró el hipódromo, y 1890, cuando terminó su trayectoria. El objetivo es lanzar una mirada a la historia de la ciudad a partir de un indicador de urbanidad: la estructuración de los entretenimientos públicos. Al final, se concluye que el hipódromo investigado ha sido entendido como una estrategia de producción del espacio, una agencia que intervino en el desarrollo y forja de un perfil del lugar – una diversión civilizada para un barrio moderno.

Palabras clave: Historia de Río de Janeiro. Historia del deporte. Vila Isabel. Turf.

Como citar este artigo:

Melo, Victor Andrade de. “Uma diversão civilizada para um bairro moderno: o hipódromo de Vila Isabel (Rio de Janeiro; 1884-1890)”. *Locus: Revista de História*, 28, n.1 (2022): 296-322.

Introdução

A Vila Isabel, situada onde era a Fazenda dos Macacos, vai ser, graça aos bondes que fazem o trajeto em meia hora, uma povoação florescente, destinada a ser absorvida no espraçamento incessante da capital. Por ora, que ainda não nasceu, quem desce do bonde vê-se no centro de uma campina verdejante, que está mesmo a pedir que lhe abram ruas e nelas edifiquem casas. Na verdade, está ali um pequeno paraíso (O Mosquito 11/10/1873, 3).

A Vila Isabel, localizada na Zona Norte do Rio de Janeiro, nos dias atuais é conhecida por sua relação com o samba e a boêmia. No século XIX, todavia, se tornou notória por ser o primeiro bairro planejado da cidade, construído por uma iniciativa privada. Em 1872, as antigas terras da Fazenda dos Macacos, propriedade da família imperial, foram adquiridas por João Batista Viana Drummond, empresário progressista, abolicionista, homem sintonizado com as mudanças da

sociedade fluminense, antenado com os crescentes movimentos de adesão ao ideário e imaginário da modernidade (Albernaz 1985; Benchimol 1992; Santos, Leite e Franca 2003).

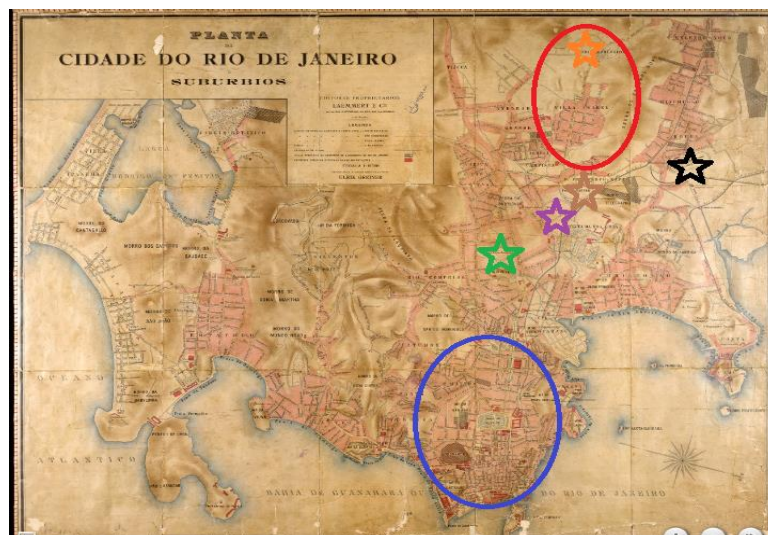


Figura 1: Em azul, o Centro. Em vermelho, o bairro de Vila Isabel. Em laranja, o local do hipódromo de Vila Isabel. Em preto, o Jockey Club. Em marrom, o Turf Club. Em lilás, o Derby Club. Em verde, o Hipódromo Nacional. Greiner, Ulrik. Planta da cidade do Rio de Janeiro e subúrbios. [190-?]. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O bairro começou a ser habitado em 1874. Inspirado em modelos franceses, o projeto foi da lavra de Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, um dos engenheiros mais destacados do país no século XIX (Benchimol 1992; Santos, Leite e Franca 2003). Professor da Academia Imperial de Bellas Artes e da Escola Politécnica, foi um dos líderes da criação da Sociedade Propagadora das Belas-Artes e do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. São de sua autoria as plantas de algumas importantes edificações da cidade, entre as quais a ampliação do Colégio Pedro II, a Escola da Freguesia de Nossa Senhora da Glória (atual Colégio Estadual Amaro Cavalcanti) e a sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro (hoje o Centro Cultural Banco do Brasil) (Sobral Filha 2013).

A construção da Vila Isabel deve ser compreendida no cenário de aumento de preocupações com a ordenação, saneamento e planejamento do espaço urbano do Município Neutro da Corte, manifesta de forma explícita no Plano de Melhoramentos da Cidade (1875-1876) (Pechman e Fritsch 1985; Andreatta 2016). Essas iniciativas tinham em conta promover intervenções para adequar a cidade a ideais de civilização e progresso que se tornavam cada vez mais circulantes. Neste artigo, trabalhamos essas duas noções a partir do que infere Azevedo (2014, 6):

A noção de progresso à qual buscava associar-se a monarquia brasileira não se afigurava tão fortemente vinculada à ideia de desenvolvimento material, muito embora a contivesse. A noção de progresso brasileira estava ligada à ideia de civilização, na qual se encontrava compreendida. A civilização brasileira, por sua vez, encontraria a sua “atualização histórica” na promoção da ciência, algo que possibilitaria ao Brasil aproximar-se do “progresso da civilização” dos principais países europeus.

Residia na associação dessas duas ideias – progresso e civilização – a articulação necessária entre o tradicional e o moderno, que buscava dotar a monarquia brasileira de universalidade e imparcialidade às vistas de sua sociedade, ao mesmo tempo que a inseria em um movimento superior, meta-histórico. Progresso, como entendido e propagado pela Coroa significava um movimento de melhoria contínua na qual, necessariamente, encontrava-se compreendido o aperfeiçoamento da civilização. Portanto, no entender da Coroa, a noção de civilização era percebida não como parte integrante do progresso, mas como algo consubstancial a este, intuito superior do seu movimento, razão orientadora de sua manifestação.

Segundo esse autor (2014, 22), houve uma importante diferença dessas noções com o que era concebido na mesma ocasião na Europa e com o que seria estruturado no Brasil republicano:

(...) de maneira distinta do que já ocorria na Europa, a ideia de progresso presente no Brasil das últimas décadas do Segundo Reinado não se postava no campo do desenvolvimento material, mas antes como um avanço moral, intelectual, social, político, cultural e artístico. Como observamos, de maneira distinta do que ocorrera na República, no Brasil monárquico, quando se desejava aludir ao desenvolvimento material a palavra preferencialmente empregue era prosperidade, e não progresso. Essa noção foi percebida nas últimas décadas do Império como desenvolvimento de uma civilização no tempo, enfim, como um valor relativo, que adquiria o seu estatuto de legitimidade a partir de sua imbricação com o ideal de civilização, valor maior a ser exaltado no processo de construção da nação.

Nesse cenário, a ideia dos responsáveis pela concepção e construção de Vila Isabel era que fosse um bairro padrão, incorporando tudo que havia de mais moderno no momento: “o saneamento e a higiene, aliados ao progresso, eram o discurso constante” (Santos, Leite e Franca 2003, 57). Vale ter em conta que a criação e desenvolvimento do empreendimento, entabulados pela Companhia Arquitetônica de Vila Isabel, se articularam com a fundação e funcionamento da Companhia Ferro-Carril da Vila Isabel: “Nesse caso, os próprios concessionários da empresa de bondes se envolveram concomitantemente nos dois negócios (Weid 1994, 13).

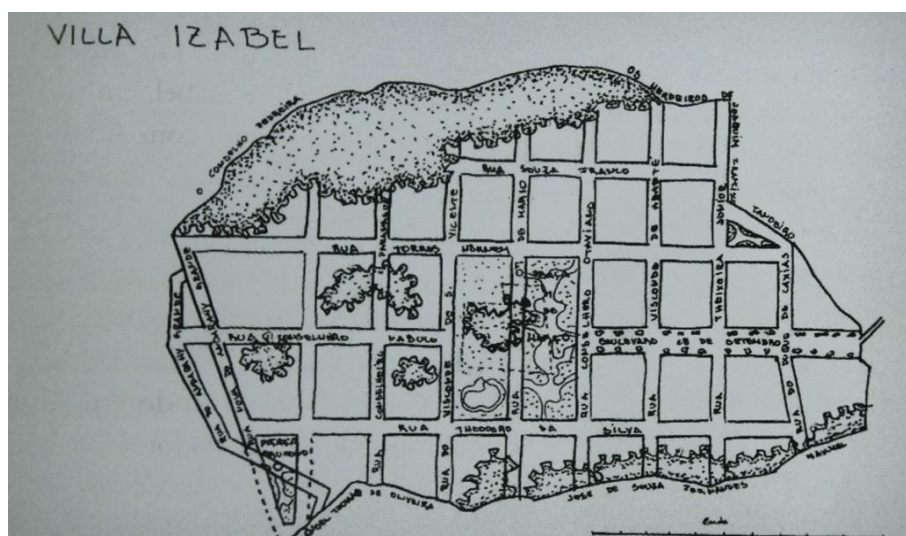


Figura 2: Planta das ruas de Vila Isabel, 1872. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/05/rio-450-anos-bairros-rio-vila-isabel>

Não surpreende, portanto, que datas e nomes de pessoas ligadas a ideias progressistas tenham sido utilizados para denominar as ruas do novo bairro que já nascia com ares de avanço civilizacional. Seu logradouro mais importante e simbólico é uma expressão do que se esperava consagrar com o empreendimento: a Boulevard 28 de setembro celebrava tanto a influência francesa quanto a data de promulgação da lei do Ventre Livre¹.

Vale observar que contribuiu para o aspecto progressista de Vila Isabel, bem como para gerar uma maior diversificação social, a instalação de fábricas nas suas fronteiras, entre as quais merece destaque a Companhia de Fiação e Tecidos Confiança Industrial (Benchimol 1992). Perceba-se que um de seus dirigentes, o comerciante e banqueiro Manoel Salgado Zenha, atuou com Drummond em uma de suas realizações mais conhecidas no bairro: o primeiro e mais antigo Jardim Zoológico do país, concebido como um lugar moderno, higiênico, sintonizado com os novos tempos e com novidades que havia em cidades europeias (Magalhães 2005).

Entre 1872 e 1890, a população do Rio de Janeiro aumentou 90%, passando de 274.972 para 522.651 moradores. O Engenho Velho, do qual Vila Isabel fazia parte, foi a Freguesia urbana que proporcionalmente mais cresceu – 135%, passando de 15.756 para 36.988 (Abreu 1987). O novo bairro certamente deu um contributo para esse incremento, sendo a instalação de meios públicos de transporte um elemento fundamental para seu desenvolvimento.

¹ Uma matéria publicada pela Biblioteca Nacional faz um bom levantamento de alguns dos homenageados com a denominação de ruas do bairro. Um exemplo é Bernardo de Souza Franco, abolicionista e presidente da província do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/noticia/2015/05/rio-450-anos-bairros-rio-vila-isabel>. Acesso em 16 mai. 2021.

Vejamos mais alguns dados coligidos por Abreu (1987) para melhor delinear um possível perfil do bairro a partir da Freguesia. Em 1890, era a segunda em número de moradores que atuavam como profissionais liberais, perdendo apenas para a Glória. Era a primeira em pessoas que vivem de renda. Isso é, havia gente de estratos alto e médio habitando na localidade.

De outro lado, havia como moradores, especialmente nas suas fronteiras, bom número de empregados domésticos, da indústria e do comércio que ocupavam habitações populares (Albernaz 1985). Esses também eram alvo das ações de modernização do bairro, tanto por motivos simbólicos (garantir a difusão de certos ideais e apresentar publicamente as lideranças) quanto comerciais (ampliar o público consumidor).

Drummond percebeu a ampliação do interesse pelos divertimentos públicos (Melo 2017) e desejou inserir seu empreendimento imobiliário nesse cenário, vislumbrando também uma possibilidade de potencializar os lucros da Companhia Arquetônica (Mota e Pamplona 2020). Ainda que os primeiros movimentos de criação do Zoológico tenham surgido em 1884, e as obras iniciadas em 1885, somente foi inaugurado em 1888².

O bairro que fora concebido e apresentado como exemplo de civilização e progresso precisava mesmo, no olhar dos responsáveis pela iniciativa, de diversões públicas para conformar esse perfil, como já era usual em experiências semelhantes de urbanização. Isso ia também ao encontro das expectativas que estavam sendo geradas entre parte da população do Rio de Janeiro. O Jardim Zoológico, contudo, não foi o primeiro entretenimento estabelecido em Vila Isabel. Entre outros que antes houve, durante quase seis anos manteve-se em funcionamento um hipódromo.

O objetivo deste estudo é discutir a experiência desse hipódromo, buscando compreender sua relação com os processos de urbanização do Rio de Janeiro, especialmente com os intuitos do empreendimento imobiliário que deu origem à Vila Isabel. Pretende-se investigar como o Prado foi mobilizado como uma estratégia de “produção do espaço”.

Para Henri Lefebvre (2006, 6), se “o espaço (social) intervém no modo de produção, ao mesmo tempo efeito, causa e razão, ele muda com esse modo de produção! Fácil de compreender: ele muda com ‘as sociedades’, se se quiser exprimir assim. Portanto, há uma história do espaço”. Como infere Carlos (2019, 472), no diálogo com o intelectual francês, esse processo está relacionado aos “ritmos impostos pela racionalidade humana, como momento da modernidade que

² O Zoológico acabou também conhecido pelo surgimento do jogo do bicho, a princípio concebido como uma estratégia para ajudar na sua manutenção (Magalhães 2005).

vem acompanhado por uma consciência da efemeridade e da fugacidade impostas pelas separações (...) projetadas nos lugares”.

Henri Lefebvre percebe que uma das inferências do capitalismo na conformação das cidades é a “cisão da vida real em setores definidos e separados em suas funções e organizados como momentos referentes: aquele do trabalho, o da vida privada e o dos lazeres” (Carlos 2019, 462), algo que ajuda a pensar a estruturação de diversões públicas, como é o caso do hipódromo.

No caso de Vila Isabel, há que se ter em conta outra percepção do intelectual francês – a ocupação das “franjas” da cidade com beneplácito do Estado, intermediada pelo protagonismo do setor imobiliário, ainda mais claro em situações marcadas pelo planejamento e explícita comercialização de terras:

O conceito de urbano tal como formulado por Lefebvre permite descrever um duplo processo: o da implosão-explosão da cidade antiga, o que significa que a sociedade urbana se constitui sobre a ruína da cidade – o momento em que o processo de reprodução se realiza em outro patamar –, e o da produção/reprodução do espaço como necessidades da produção de novos espaços de acumulação, acompanhada da instauração do cotidiano como produto do desenvolvimento da história (Carlos 2019, 467).

Silva, Ornat e Chimin Junior (2019, 74), também no diálogo com Lefebvre, chamam a atenção para que se perceba a articulação entre a produção e a reprodução, manifesta inclusive na citada fragmentação das atividades laborais e de entretenimento. Isso é, “as ideias de Lefebvre sustentam que o espaço é resultado não apenas da produção de objetos e bens materiais, mas também de práticas sociais, conhecimento, estruturas sociais e instituições”.

O planejado bairro de Vila Isabel era fruto de uma cidade que passava por mudanças, se espalhando territorialmente e aderindo progressivamente ao ideário e imaginário da modernidade. O esporte, entre os quais o pioneiro turfe, também era um indicador desse cenário, entendido como símbolo de civilização e progresso. O que nos motiva é perceber como a experiência do hipódromo de Vila Isabel ajuda a compreender as estratégias entabuladas no processo de urbanização tendo em conta a conformação de um perfil para a localidade, a produção do espaço.

Certamente, há que se considerar que nesse processo de “enquadramento das experiências corpóreas” manifestam-se resistências de distintas naturezas, para Lefebvre sinais das dissonâncias entre o percebido, o concebido e o vivido, entre as “representações do espaço” e os “espaços de representação” (Seabra 1996; Silva, Ornat e Chimin Junior 2019). Reconhecemos que, neste estudo, só tangencialmente vamos tocar nessa questão, investindo mais na percepção daquilo que foi idealizado por um conjunto de lideranças tendo em vista suas intencionalidades para o bairro. Isso é, temos em conta as intervenções no espaço promovidas por esses agentes, um grupo de capitalistas que estruturava seus investimentos a partir de certas concepções e inspirações.

Para alcance do objetivo, como fontes, foram utilizados periódicos publicados no Rio de Janeiro entre 1884 – ano em que o hipódromo foi inaugurado, e 1890 – quando se encerrou sua trajetória³. A maior parte das informações coletadas são de caráter indicador, notícias sobre as iniciativas. Quando se tratou de posicionamentos sobre as experiências, procurou-se ter em conta o perfil do periódico e do autor, quando possível e sem estabelecer uma relação linear entre ambos.

Teve-se em conta que a imprensa não só já era um importante fórum de repercussão das mais diferentes ocorrências públicas, como também era mobilizada pelos diversos grupos que interferiam no cotidiano urbano, inclusive pelos responsáveis pelas iniciativas do bairro de Vila Isabel. Há que se considerar que também publicavam de forma paga, mas também difundiam de maneira gratuita, as informações que interessavam aos líderes dos empreendimentos. De outro lado, também acolhiam e exerciam o papel de críticos a alguns dos limites de suas realizações.

O intuito é lançar um olhar para a história da cidade a partir de um indicador de urbanidade – a estruturação de entretenimentos públicos. Isso é, estamos sugerindo que a compreensão do papel desempenhado pelas diversões pode ser útil para melhor entendermos certas ações entabuladas no sentido de constituir o tecido urbano, o processo de urbanização, a produção do espaço.

Um novo prado no Rio de Janeiro

A Vila Isabel vai ser amanhã o *rendez vous* da elegância, do chique e do bom gosto. (...). O clube de Vila Isabel vai amanhã conter em si o que há de melhor no Rio de Janeiro (Gazeta da Tarde 21/06/1884, 2)⁴.

Já nos seus primeiros anos, alguns divertimentos se estruturaram em Vila Isabel. Em dezembro de 1873, se inaugurou um pequeno teatro com uma exibição da companhia de Joseph Arnaud (A Vida Fluminense 20/12/1873, 1657), um francês que esteve envolvido com muitas iniciativas dramáticas no Rio de Janeiro do século XIX, entre as quais com o famoso e polêmico Alcazar, que apresentava espetáculos à moda dos cabarés parisienses (Dias 2012).

Embora pouco anunciado nos jornais, parece ter tido um frequente funcionamento o modesto teatro, algo que dependeu do crescimento do bairro e do aperfeiçoamento do serviço de bondes. Perceba-se que eventualmente as notícias de Vila Isabel eram apresentadas em seções destinadas aos subúrbios (Diário de Notícias 14/01/1888, 1). Até que os transportes públicos

³ Os periódicos foram consultados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Foram acessadas as informações em todos jornais e revistas disponíveis fazendo uso de palavras-chave.

⁴ A Gazeta da Tarde foi dirigida por José do Patrocínio, importante personagem da história nacional que, morador de São Cristóvão, entre outras características, dedicava grande atenção para as ocorrências dessa região da cidade, sempre com um olhar generoso, ainda que, por vezes, crítico. Teve diversos envolvimento com agremiações esportivas, inclusive com o Prado Guarani (Melo e Chevitaress, 2018). Há também que se ter em conta que foi um jornal engajado nas causas abolicionistas, simpático a certos processos de modernização da sociedade fluminense.

melhor se estruturassem, a localidade não era tão facilmente acessada se considerarmos o ponto de vista de quem vivia na mais valorizada e habitada região central.

Em 1879, esse primeiro teatro se incendiou por completo, mas já no início dos anos 1880 houve outra casa oferecendo animadas funções na Boulevard 28 de Setembro. Tornaram-se conhecidos os bailes populares promovidos pela Companhia Arquitetônica nos seus belos jardins, por vezes com apoio da municipalidade. A iluminação de tais eventos noturnos era mobilizada como uma propaganda do projeto do bairro, uma estratégia para conformar e divulgar sua vocação moderna (O Paiz 09/08/1885, 1).



Figura 3: Anúncio de bailes promovidos no Teatro de Vila Isabel. Jornal do Comércio 05/09/1885, 6.

Além de receber companhias, atrizes e atores profissionais, o teatro acolhia também as apresentações do Clube Dramático Vila Isabel, uma das primeiras experiências associativas do bairro, responsável pela dinamização da casa de espetáculos. Na ocasião, agremiações congêneres se espalharam pela cidade, tornando-se importantes fóruns de organização de distintos grupos sociais, “espaços legítimos de participação e ação política que garantiam a cidadania de seus associados” (Penna-Franca 2016, 220).

Outras agremiações houve no bairro. Na década de 1880, o Clube Musical Terpsychore de Vila Isabel foi transformado em Clube de Vila Isabel, que logrou sucesso com seus saraus e concertos promovidos na sua sede da 28 de Setembro (Diário de Notícias 24/09/1888, 2). Também gozava de respeitabilidade o Clube Musical e Familiar de Vila Isabel (Gazeta da Tarde 27/10/1884, 2).

Essas iniciativas são indicadores de que o bairro começava a se consolidar. Eram espaços de reunião dos moradores desejosos de participar do grande concerto cidadão. Foi no Teatro de Vila Isabel, em outubro de 1884, que se reuniram alguns desses para criar um clube de turfe, o Prado Vila Isabel.

A proposta era que fosse uma sociedade de ações, designando-se como depositário dos pagamentos Manoel João de Segadas Vianna (Gazeta da Tarde 27/10/1884, 2), conhecido capitalista, sócio da Companhia Confiança, dirigente da Sociedade Propagadora das Belas Artes, parceiro de Drummond em muitas iniciativas, inclusive na diretoria da Companhia Ferro-Carril da Vila Isabel e do Jardim Zoológico. Tratava-se de uma importante liderança ligada aos novos negócios urbanos, adepto de ideais de modernidade. Tornou-se um dos personagens importantes do turfe fluminense.

No Rio de Janeiro, corridas de cavalos foram organizadas desde os anos 1810. Em 1849, foi fundada a primeira agremiação de turfe da cidade, provavelmente a pioneira esportiva do Brasil: o Club de Corridas, de curta duração (Melo 2001). Depois de cerca de 20 anos em que a modalidade teve uma trajetória errática, em 1868 foi criada uma sociedade mais estável, responsável por passos mais sólidos na consolidação do esporte, ativa até os dias de hoje – o Jockey Club⁵ que, durante um bom tempo, reinou sozinho. De toda forma, mesmo enfrentando dificuldades organizacionais, o turfe foi largamente encarado por certas lideranças e pela imprensa como um indicador de modernização e avanço civilizacional (Melo 2015).

Na verdade, antes do Prado Vila Isabel houve outras agremiações turfísticas no bairro. O pioneiro foi o Club de Corridas Vila Isabel, fundado em janeiro de 1884, com evento inaugural promovido em abril do mesmo ano (Diário do Brazil 22/04/1884, 2). Adriano Alves de Almeida foi o primeiro presidente. Morador de São Cristóvão, também esteve envolvido com os negócios da Companhia Arquitetônica. Foi despachante da alfândega, juiz de paz, oficial da Guarda Nacional, bem como uma liderança do turfe fluminense, destacando-se por sua atuação no Derby Club.

Segundo informaram os cronistas, o hipódromo do Club de Corridas era modesto, pequeno e sem grande conforto, ainda que elegante (A Folha Nova 21/04/1884, 2^o). Isso não parece ter sido impeditivo para atrair, segundo os olhares dos periodistas, um bom público, o que possivelmente aumentava as receitas da Companhia Ferro-Carril, instada, inclusive, a oferecer

⁵ O atual Jockey Clube Brasileiro é resultado da fusão, na década de 1920, do Jockey Club com o Derby Club.

⁶ A Folha Nova dedicava atenção às ocorrências do cotidiano do Rio de Janeiro, destacando-se por veicular a produção de importantes literatos. Muitos de seus cronistas anunciavam posições favoráveis ao processo de modernização da cidade.

maior número de bondes para atender os interessados nos dias de páreos. Ao redor da iniciativa, articulavam-se claramente os intuitos comerciais e simbólicos dos responsáveis pela construção de Vila Isabel.

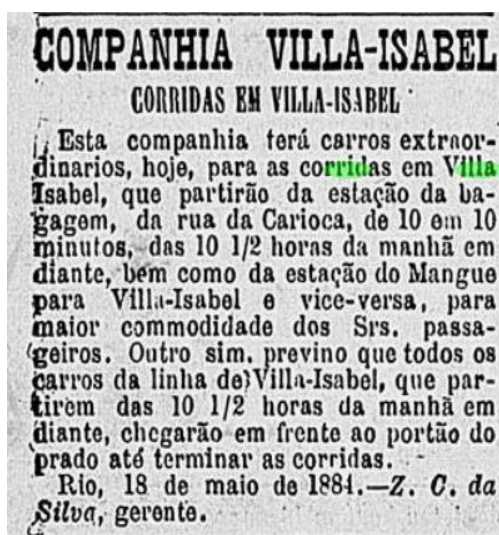


Figura 4: Anúncio da Companhia Ferro-Carril da Vila Isabel tendo em vista evento do Club de Corridas. Gazeta de Notícias 18/05/1884, 4.

O hipódromo do Club de Corridas se encontrava nos limites nortes do bairro, próximo da estação de bondes, num terreno da Companhia Arquetetônica que se localizava de frente para o que no futuro seria o Zoológico (esquina de Visconde de Santa Isabel com Barão do Bom Retiro). A crer numa informação de que a Companhia Ferro-Carril desejava abrir na Rua Barão de Mesquita um caminho para facilitar o acesso ao Prado (O Paiz 20/08/1887, 1), podemos perspectivar o tamanho da instalação, menor do que o Jockey Club e os futuros Derby Club, Turf Club e Hipódromo Nacional.



Figura 5: Em vermelho, o pioneiro Prado Fluminense/Jockey Club (Benfica). Em azul, o Prado do Turf Club (Maracanã). Em roxo, o Prado Itamaraty/Derby Club (Maracanã). A seta amarela indica o Prado Guarani (Vila Guarany/São Cristóvão). Em verde, o Hipódromo Nacional (Tijuca). Em marrom, o local do Prado Vila Isabel. Em cinza, o centro do bairro de Vila Isabel. Planta da cidade do Rio de Janeiro e subúrbios/ Greiner, Ulrik /[190-?].

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em:

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart451453/cart451453.jpg

Extrato de região da cidade do Rio de Janeiro onde se localizavam os hipódromos.

Não foi encontrado um mapa que registre esse hipódromo de Vila Isabel, provavelmente devido a seu pouco tempo de existência e ao fato de que nem sempre os arrabaldes eram cartografados. Perceba-se que a instalação esportiva não se situava na parte principal planejada do bairro, já mais habitada naqueles meados dos anos 1880. Era um terreno vazio numa área com poucos moradores. O Prado e o Jardim Zoológico foram indutores do desenvolvimento local, como veremos no decorrer do artigo.

A experiência durou poucos meses. Havia a intenção de concorrer com o já renomado Jockey Club, sendo, todavia, as condições estruturais um limitante (Gazeta da Tarde 14/10/1884, 1). O Prado era usualmente elogiado, mas sempre se ressaltando sua modéstia. Tendo em vista resolver tal problema, em outubro de 1884, a diretoria resolveu não renovar a concessão do terreno.

Em reunião realizada no mesmo mês, no Teatro São Luiz, pequena casa de espetáculos localizada no Centro da cidade (Dias, 2012), decidiu-se por se renomear a agremiação para Derby Fluminense e pela aquisição de um novo terreno para construção de um hipódromo maior, sendo autorizada a liquidação do antigo. O modelo de gestão anunciado era de empréstimo de recursos pelos sócios, sendo excluídos aqueles que não aceitassem tal obrigação (Diário do Brasil 18/10/1884, 2).

Como presidente da nova agremiação, por sugestão de Henrique Germack Possolo (um dos fundadores do Jockey Club e liderança do turfe brasileiro), foi eleito o engenheiro Paulo de

Frontin, que se tornaria um dos grandes nomes da modalidade – ao liderar o Derby Club, e do país – por ter participado de importantes obras nacionais, inclusive das reformas urbanas no Rio de Janeiro promovidas nos anos iniciais do século XX, na gestão municipal de Pereira Passos e federal de Rodrigues Alves.

Na verdade, Frontin já era presidente do Club de Corridas de Vila Isabel desde maio (Diário do Brazil 07/05/1884, 2), numa diretoria que tinha outros nomes importantes da região, como João Maggessi de Castro Pereira – futuro renomado gestor da Floresta da Tijuca, bem como Bento José da Costa Pereira Beirão e João Antônio D’Orvil Ferreira – conhecidos comerciantes do ramo de vestimentas (as lojas Casas dos Três Leões e Regeneração, ambas localizadas na Rua do Hospício).

No satírico periódico *Distração* (06/11/1884, 1), um cronista ironizou: “Pergunta-nos o senhor porque o Club Vila Isabel mudou o nome para Derby Fluminense. Não o sabemos. Ignoramos igualmente a razão porque o senhor se chama Nunes, em vez de se chamar Soares”. A mudança, na verdade, não era despropositada. Tentava-se uma refundação. Nesse processo, na visão dos sócios, a questão do terreno e do hipódromo tornou-se central para o sucesso da iniciativa, mobilizando os esforços dos envolvidos.

Todavia, foram promovidos no mesmo hipódromo do antigo Club de Corridas os primeiros páreos do Derby Fluminense, realizados em outubro de 1884 (*A Folha Nova* 18/10/1884, 4). Percebe-se a intenção de oferecer programas mais bem elaborados, superando a experiência da antiga agremiação que ocasionara muitos conflitos entre os sócios em função de não cumprimento de determinados procedimentos usuais à modalidade⁷.

⁷ Ver, por exemplo, *Gazeta de Notícias* 24/05/1884, 2. Esses conflitos citados no periódico se referem a problemas com os pagamentos das apostas vitoriosas.

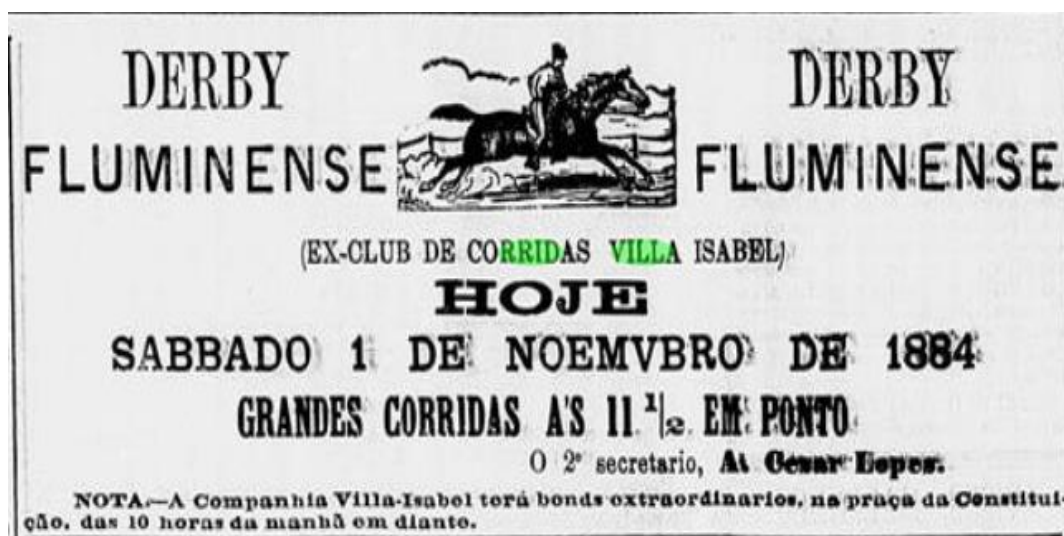


Figura 6: Anúncio de evento do Derby Fluminense com indicação de bondes extraordinários para atender o público. Brazil 01/11/1884, 4.

Um dos diferenciais desse novo momento foi o estabelecimento de uma articulação mais intensa com as Companhias Arquitetônica e Ferro-Carril tendo em conta os intuítos de desenvolvimento do bairro. De fato, a novel agremiação seguiu organizando suas corridas no antigo hipódromo, celebrados eventos, um deles contando, inclusive, com a presença do Imperador e sua família, um sinal de prestígio (Brazil 23/11/1884, 4). Chegou a ser registrada a escassez de bondes para dar conta do número de frequentadores.

O hipódromo se estabelecia como uma referência para a cidade e para o bairro. Nele, por exemplo, foi criado e promovia suas atividades o Club Sport Vila Isabel, dedicado às corridas a pé e de velocípedes, mais uma agremiação que ajudou a consolidar o caráter moderno da localidade⁸. Assumiu a presidência João Vieira de Segadas Vianna, membro de uma família de capitalistas já envolvidos com o esporte. Seu irmão Manoel, como vimos, uma das lideranças do turfe, tornou-se um dos diretores da nova sociedade atlética (Gazeta de Notícias 28/11/1884, 2).

Parece ter logrado algum sucesso a iniciativa a crer na informação de que a Companhia Ferro-Carril aumentava o número de bondes nos dias de evento a fim de atender os interessados. Uma vez mais se vê a articulação das lideranças em torno dos interesses de desenvolvimento do bairro⁹.

⁸ Tratou-se de um momento no qual surgiram várias agremiações dedicadas às corridas a pé, encaradas como estratégias de cuidado com o corpo, saúde e higiene (Melo 2019; Melo 2020).

⁹ Outros envolvidos com o turfe também participaram do Club Sport Vila Isabel, entre os quais Adriano Alves de Almeida.



Figura 8: Anúncio do Club Sport de Vila Isabel com informação de bondes extras para atender o público. Gazeta da Tarde 13/12/1884, 3.

Um indício das ambições dos envolvidos com o Derby Fluminense, bem como de certas tensões no seu interior, foi o fato de que, em março de 1885, em uma série de reuniões, os associados tenham decidido pela liquidação da agremiação e sua transformação em Derby Club. A nova diretoria era praticamente a mesma da iniciativa anterior: Frontin na presidência, Adriano Alves de Almeida na vice, Afonso César Lopes¹⁰ como secretário, entre outros. Dessa vez, foi mesmo adquirido um novo terreno, de propriedade da Condessa de Itamaraty, e construído um hipódromo maior, mais confortável e elegante, inaugurado em agosto do mesmo ano (Anuário das Estações Sportivas do Derby Club 1885-1931).

O novo hipódromo foi construído nas redondezas, mas não em Vila Isabel (se encontrava exatamente onde hoje está o Estádio Mário Filho, Maracanã). O bairro, todavia, não ficaria sem corridas de cavalos. Desde o final de 1884, se estruturara melhor o já citado Prado Vila Isabel, em dezembro sendo eleito como presidente Afonso Celso de Assis Figueiredo Junior (O Paiz 16/12/1884, 1). Filho do Visconde de Ouro Preto, deputado, intelectual reconhecido (foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras), seguiu no cargo praticamente até o fim da agremiação. Destacar-se-ia como secretário o intendente (vereador) e oficial da Guarda Nacional Manuel José de Paiva Júnior, no futuro um dos líderes do Turf Club.

O Prado Vila Isabel ocupou o antigo hipódromo do bairro e teve uma trajetória mais longa.

¹⁰ Criador de cavalos, empresário, teve longa trajetória nas agremiações de turfe, especialmente no Derby Club.

O Prado e o bairro

Em fevereiro de 1885, o Prado Vila Isabel realizou seu evento inaugural, depois de promover elogiadas reformas no antigo hipódromo do bairro¹¹. Nos periódicos acessados, podemos identificar que, no decorrer desse ano, a agremiação funcionou frequentemente, oferecendo corridas que usualmente contaram com bom público e foram elogiadas por sua organização.

Em muitas ocasiões, são perceptíveis críticas à Companhia Ferro-Carril por não atender adequadamente os interessados, um indício de que as iniciativas turfísticas atraíam muita gente de outros bairros. Certa feita, observou um cronista:

No Prado de Vila Isabel houve ontem mais uma corrida que, como sempre, esteve animada, sendo para notar a grande concorrência de espectadores, apesar da má condução apresentada pelos bondes da Companhia de Vila Isabel que, sendo a que mais lucra com a festa, não serve ao público como deve (Gazeta de Notícias 01/06/1885, 2)¹².

Esses problemas constantes, na visão de alguns cronistas, se tornaram um dos principais limitantes para o maior desenvolvimento do turfe no bairro, algo inaceitável e incompreensível: “que a companhia não tenha em conta o interesse de bem servir ao público, vá lá; mas que não tenha em consideração os próprios interesses, (...), eis o que custa a compreender” (O Paiz 01/06/1885, 3)¹³.

Essa demonstração pública de incompetência, a seu ver, impactaria a própria imagem do empreendimento imobiliário: “Dessa forma, o Prado Vila Isabel em vez de dar incremento ao bairro, há de, ao contrário, repelir dele os amadores das corridas” (O Paiz 01/06/1885, 3). A ideia de que se tratava de um lugar moderno poderia ser maculada por esse mau funcionamento do sistema de transporte, um aspecto considerado central para seu desenvolvimento.

Tendo em conta que estavam articulados os interesses da Companhia Ferro-Carril e da Companhia Arquitetônica, e que para ambas era atraente o bom funcionamento do hipódromo, possivelmente aos dirigentes das empresas não passaram despercebidas as críticas. O que ocorre é que sempre foi difícil – e em certa medida ainda é – garantir o adequado transporte do público que comparecia aos maiores eventos. Isso de alguma forma também era uma expressão de uma cidade que crescia rapidamente e tentava melhor se estruturar.

¹¹ Vários periódicos elogiaram a iniciativa. Um exemplo pode ser obtido em: Gazeta da Tarde 09/02/1885, 3.

¹² Vale ter em conta que a Gazeta de Notícias demonstrava simpatia e engajamento em causas progressistas, como a abolição da escravatura e a proclamação da República. Maior destaque merece o fato de que foi um periódico inovador e popular, tratando amiúde do cotidiano do Rio de Janeiro até mesmo em função da valorização das crônicas.

¹³ O Paiz foi um dos mais engajados jornais do século XIX: abolicionista e republicano, estava sempre atento às novidades que desembarcavam no país, ainda que também crítico à não execução plena de alguns projetos de modernização.

Vale citar que o tramo que ia do Centro até o Engenho Novo era um dos mais lucrativos da Companhia Ferro-Carril da Vila Isabel, que procurava aumentar o número de passageiros transportados, menor do que os de suas congêneres (a Jardim Botânico e a São Cristóvão) (Albernaz 1985). Portanto, o deficiente atendimento do público nos dias de corridas talvez se devesse mesmo a dificuldades estruturais.

De outro lado, desde o momento no qual Drummond deixou de ser diretor e presidente da Ferro-Carril da Vila Isabel (1880), a empresa passou a investir mais em outras regiões. Segundo Albernaz (1985, 36), ampliou-se a autonomia entre “o serviço de transporte” e “o loteamento e venda de terrenos”, que seguiu nas mãos da Companhia Arquitetônica. De toda forma, para além das questões simbólicas, interessava a ambas a maior ocupação de uma área do bairro que demorou mais a ser habitada (Albernaz 1985).

Vale observar que se chegou a especular a instalação de um ramal da Estrada de Ferro D. Pedro II supostamente para atender o Prado (Diário de Notícias 17/06/1885, 1). Na verdade, era uma motivação para ampliar o alcance da linha férrea, a estendendo para um bairro que crescia e rapidamente se constituía como um novo importante polo da cidade. Citemos que foram instituídas estações para servir tanto ao Derby quanto ao Jockey Club (Melo 2001). Em 1888, tendo em vista facilitar o acesso do público ao hipódromo de Vila Isabel, foram oferecidos trens especiais partindo da Central até o Engenho Novo, integrados com bondes da Companhia Ferro-Carril (Diário de Notícias 30/05/1888, 3).

Uma observação merece ser feita: eram oferecidos bondes especiais que saíam do Centro em direção a Vila Isabel, mas também havia os que vinham do Engenho Novo. Isso é, outra Freguesia da cidade estava se desenvolvendo e tornava-se motivo de atenção por parte dos responsáveis pelas alternativas de entretenimento.

Perceba-se que os associados e dirigentes do Club de Corridas, Derby Fluminense, Derby Club e Prado Vila Isabel, muitos já citados no decorrer deste estudo, guardavam semelhanças – gente com uma visão progressista, de estratos altos e médios, atuantes nos diversos negócios urbanos. É interessante notar como, mobilizado por lideranças com esse perfil, o relativamente novo bairro tornou-se um dos centros do turfe da cidade, algo que contribuiu material e simbolicamente para sua consolidação e o forjar de um imaginário moderno a seu redor.

Assim se posicionou um entusiasmado cronista ao comentar mais um dia de evento animado, no qual esteve lotado o hipódromo: “O Prado Vila Isabel é hoje um ponto obrigado de reunião de nossa sociedade” (Gazeta da Tarde 23/03/1885, 1). O bairro ganhava notoriedade naquela cidade que crescia e se espraiava territorialmente, no olhar de um periodista se tornando o

“centro mais procurado pelo público quando precisa passar um dia duplamente alegre: assistindo a um divertimento que causa as melhores impressões e oxigenando os brônquios em meio à atmosfera puríssima do campo” (Gazeta da Tarde 18/05/1885, 1).

Graças ao turfe, na sua percepção, frequentavam a Vila Isabel a aristocracia que conhecia o “*chic* e a beleza fluminense”, “os burgueses”, “os empregados do comércio”, “a gentil leitora” (Gazeta da Tarde 03/10/1885, 1). Ao considerar esses elogios, temos que observar que os periódicos manifestavam simpatia por iniciativas de modernização da cidade, bem como poderiam ter algum interesse comercial nesse relacionamento com as sociedades turfísticas e seus dirigentes. De toda forma, são importantes representações acerca do papel desempenhado pela agremiação do esporte dos cavalos.

Vila Isabel ainda era representada, em certa medida, como um belo arrabalde, um lugar do campo, “uma graciosa *corbeille* que a natureza suspendeu entre o verde-negro de montanhas alcantiladas” (Gazeta da Tarde 12/04/1886, 2), mas também como exemplo de modernização. Assim como os esportes náuticos tinham feito antes com Botafogo (Melo 2015), o turfe tinha tornado o bairro um lugar de encontros, de diversão, de *rendez vous*.

Um Prado no contexto do turfe, um bairro no cenário citadino

Na 2ª metade da década de 1880, consolidou-se a trajetória do Prado Vila Isabel. Percebe-se que, no final de 1884, fora também criado, nas redondezas de São Cristóvão, o Prado Guarani, hipódromo que sofreu durante seu tempo de existência (permaneceu ativo até 1890) uma série de restrições por parte de outras agremiações (Melo e Chevitarese 2018).

Já o Prado Vila Isabel se articulou plenamente com as ações do Jockey Club e do Derby Club, inicialmente no que tange à defesa da manutenção e centralização das apostas nas mãos das sociedades turfísticas, postura encarada como uma forma de viabilizar o esporte que por muitos seguia sendo considerado útil para o progresso do país (A Semana 19/09/1885, 6).

Aqueles anos 1880 foram marcados por muitos conflitos a caminho do encerramento da experiência monárquica. Desde o fim da Guerra do Paraguai, sentiu-se em vários âmbitos seus desdobramentos – entre os quais a crescente pressão pela abolição da escravatura e pela adoção da República. No âmbito econômico:

As consequências financeiras para o Brasil foram desastrosas. As despesas públicas cresceram em mais de mil por cento. O governo viu-se forçado a aumentar os impostos, emitir moedas e contratar empréstimos internos e externos no valor de 76 mil contos de réis. O custo total da guerra foi calculado pelo governo em 614 mil contos, cerca de US\$ 49 milhões (Carvalho 2012, 106).

Deram-se também sequência às muitas iniciativas de estruturação da burocracia estatal entabuladas no longo ministério liderado pelo Visconde do Rio Branco (1871-1875): reformas da polícia, do sistema judiciário e da Guarda Nacional; consolidação de políticas consideradas importantes como o incentivo à imigração; realização do primeiro recenseamento nacional; implantação da telegrafia entre o Brasil e a Europa; construção de mais trechos ferroviários; melhoria nas condições de navegação, entre outras.

Avançou o processo de industrialização e o espraiamento territorial da cidade. Com o desenvolvimento da urbanização, a conformação de maior diversificação societária e a intensificação da adesão a parâmetros de civilização e progresso, melhor se estruturou o setor do entretenimento (Melo 2017). Nesse cenário, houve grande debate público ao redor dos jogos de azar, discussões sobre sua pertinência e problemas ocasionados numa urbe que se pretendia moderna.

As corridas de cavalos eram também procuradas – talvez até prioritariamente, em função da possibilidade de apostar. Como nunca antes se venderam *poules* na cidade, até mesmo porque rapidamente aumentou o número de clubes. Segundo Melo (2001, 163), isso teve relação com o fato de que o quartel final do século XIX foi “marcado por uma grande irrupção de capitais de origem internacional, pela valorização da ostentação do luxo, pelo gosto gratuito de gastar dinheiro. Ao redor da popularização das apostas havia, sem dúvida, um interesse financeiro, mas também era valorizado o ato de apostar em si”.

Em função dessa preponderância do caráter de jogo, houve uma série de problemas nos hipódromos. A combinação de resultados e/ou erros de julgamento das provas não raramente desencadearam distúrbios – música, maxixe, tribofe eram termos que designavam essas trapaças e conflitos. Para alguns, a solução para dirimir essas ocorrências era a proibição das apostas.

Os jornais deram espaço e constantemente se posicionaram acerca do tema, uns mais a favor da manutenção das apostas, outros contundentemente contra. O governo participou ativamente desses debates tomando, de forma errática, algumas ações de controle. Os clubes, por sua vez, a fim de manterem uma das suas principais fontes de renda, tentaram se articular para melhorar o funcionamento dos hipódromos, corrigindo equívocos de premiação e combatendo trapaças. O Prado Vila Isabel integrou essa iniciativa.

Outra ação de articulação das agremiações foi a proibição de que jóqueis punidos por um clube participassem de provas promovidas por outro. Tratava-se de mais uma decisão que tinha em conta a “moralidade” do esporte, uma estratégia para tentar coibir as trapaças. O envolvimento do Prado Vila Isabel nessa iniciativa foi encarado como demonstração do “espírito de solidariedade

e harmonia que anima os distintos diretores da associação” (O Paiz 13/09/1886, 2). Além disso, junto com o Jockey e o Derby, proibiu de correr aqueles que tomassem parte em eventos do Prado Guarani (O Paiz 16/10/1886, 2), considerado um hipódromo que não zelava pela lisura dos páreos.

A despeito dos problemas, o turfe foi se desenvolvendo cada vez mais no Rio de Janeiro. De tal forma, que passou a ser um problema as datas dos páreos para que não coincidissem entre as agremiações turfísticas ou mesmo com os eventos de outros clubes esportivos. Formular um calendário único passou a ser uma necessidade. Tendo em vista esse intuito, bem como criar um Stud-Book nacional e um código único de corridas, realizaram várias reuniões o Derby, o Jockey e o Prado Vila Isabel (Gazeta da Tarde 18/10/1886, 1). Perceba-se como a associação que investigamos integrava a elite do esporte, como tentava fazer o bairro no que tange à cidade.

Durante anos, ainda que fosse mais modesto do ponto de vista estrutural, o Prado Vila Isabel foi muito elogiado, encarado como portador de status similar ao do Derby e do Jockey. Uma crônica nos permite notar como o hipódromo do bairro se inseriu, para alguns mais abastados, num circuito que incluía estabelecimentos considerados requintados, como os restaurantes Cailtau e Maison Moderne, os Cafés Londres e Oriente, a charutaria O Globo, o Hotel Daury, os teatros Eden e Recreio (O Sport 26/11/1887, 2).

O resultado financeiro de 1887 foi comemorado. Mesmo tendo enfrentado problemas com autorizações governamentais para a realização de corridas (Gazeta de Notícias 05/03/1887, 1), uma ocorrência que ocasionou polêmicas públicas, conseguiu promover 32 eventos nos quais distribuiu vultuosa quantia de prêmios. Ao fim do ano, pagou a reforma do hipódromo, honrou parte da dívida contraída com a aquisição do terreno junto à Companhia Arquitetônica e ainda teve sobra de caixa (A Semana 30/12/1887, 5). Sobre essa temporada, se posicionou um cronista: “O Prado Vila Isabel deixa nessa temporada um histórico tão notável quanto o do Derby, quanto o do Jockey Club. Suas corridas tiveram sempre a concorrência da fina flor do esporte, seus páreos foram sempre formados pelos parceiros da primeira fila do turfe” (Cidade do Rio 26/12/1887, 2)¹⁴.

Além dos antigos personagens dos tempos da fundação, nesse momento se destacou na direção, na condição de vice-presidente, o vereador Thomaz Rabello, importante liderança política e do turfe, futuro memorialista de destaque da modalidade¹⁵, um dos que lutava pela moralidade do esporte. Em Vila Isabel, os conflitos preocupavam sobremaneira os diretores, se cruzando com

¹⁴ Uma vez mais, José do Patrocínio esteve à frente de um periódico. Cidade do Rio, do ponto de vista do Rio de Janeiro como um todo, manteve uma abordagem crítica. Dedicou, contudo, olhares generosos para as iniciativas da região de São Cristóvão, Tijuca, Maracanã, Vila Isabel.

¹⁵ Foi o autor de “História do Turf no Brasil” (Rio de Janeiro: Leuzinger, 1901).

os interesses daqueles que pugnavam pela valorização do bairro. Não fazia bem à sua imagem cenas de brutalidade nos hipódromos.

O Prado se tornou reconhecido como um dos que, de forma mais eficiente, combateu os conflitos, como certa feita observou elogiosamente (e ironicamente) um cronista: “Dado o conhecimento que todos nós temos da irritação do Zé-Povo, dos seus modos bruscos, das suas fantasias e das suas tendências para os protestos enérgicos, (...), é motivo de regozijo livrar-se um hipódromo das iras populares” (Cidade do Rio 28/11/1887, 3).

De fato, a agremiação promoveu muitos investimentos para consolidar seu nome na cidade. Suas instalações foram constantemente reformadas a fim de ampliar a capacidade de público e se tornarem mais confortáveis e elegantes. Inaugurou-se nas redondezas o Hotel Prado Vila Isabel, para os que desejavam passar um dia no bairro e assistir às corridas (Gazeta de Notícias 14/02/1886, 4).

Tudo indicava que o ano de 1888 seria uma nova temporada brilhante. A abertura do Jardim Zoológico, em frente ao Prado, poderia funcionar como mais um atrativo para o bairro de Vila Isabel. Em abril, com pompa foram apresentados à imprensa os melhoramentos do hipódromo (Cidade do Rio 14/04/1888, 3). Em maio, sócios da agremiação participaram do préstito festivo de comemoração da abolição da escravatura (O Paiz 21 e 22/05/1888, 2), um sinal de que o clube integrava as iniciativas cidadinas. Em junho, foi inaugurado um restaurante que prometia serviço farto e de qualidade.



Figura 9: Anúncio do restaurante instalado nas redondezas do Zoológico e Prado Vila Isabel. Gazeta de Notícias 18/06/1888, 4.

Alguns contratemplos, contudo, atrapalharam os planos mais ousados da diretoria. Houve muitos dias chuvosos, em alguns deles o público se deslocando para o Prado sem o devido aviso de que o evento tinha sido cancelado, o que causava descontentamento generalizado (Cidade do Rio 30/04/1888, 3). Também a morte de um jóquei em uma corrida festiva na qual estava lotado o hipódromo teve grande repercussão pública e causou transtornos por alguns meses¹⁶.

O pior mesmo foi o aumento do controle policial. O subdelegado Carlos Augusto Cesar Plaisant ficou famoso pelo que alguns consideraram excesso de controle e exagero de exercício de sua autoridade. Ainda assim, percebe-se, no decorrer do ano, o crescimento do número de conflitos no Prado, a diretoria sendo constantemente pressionada em função de tais problemas. Além disso, houve tensões internas que levaram ao afastamento de alguns dirigentes.

O ano de 1889 não foi melhor, ainda mais que foi criada nas redondezas mais uma agremiação: o Turf Club. As reuniões para fundar essa sociedade foram realizadas no Prado Vila Isabel, já se anunciando a instalação de seu hipódromo nas terras dos herdeiros do Visconde de Niterói (Diário do Comércio 8/10/1889, 2), bem próximo ao Derby Club, onde hoje se encontra o campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Perceba-se que foi uma iniciativa de sócios do Sport Club (sediado no Prado Guarani) e do Prado Vila Isabel. Chegou-se a aventar uma fusão das agremiações, algo que dependia de apreciação das assembleias (Diário do Comércio 13/10/1889, 2). Frente à não aprovação da proposta, muitos associados se transferiram para o Turf Club.

No mesmo ano surgiria a notícia de fundação do Hipódromo Nacional, cujo Prado seria instalado onde hoje se encontra a Praça Afonso Pena (Tijuca), próximo, portanto, como vimos no mapa anteriormente apresentado, dos outros clubes. Mesmo que fosse crescente o interesse pelo turfe, o aumento da concorrência impactou o funcionamento das agremiações, não somente no que tange ao público como também no tocante aos cavalos e jóqueis inscritos.

Em 1889, em várias ocasiões, os periódicos deram conta de que no Prado Vila Isabel foi “regular a concorrência” (Constitucional 15/05/1889, 2), algo pouco usual nos anos anteriores. Houve, sim, sucessos, e para alguns cronistas o hipódromo seguiu sendo considerado um charmoso e animado local de diversão. A diretoria chegou a, uma vez mais, reformá-lo e aprovar a compra de terreno mais amplo a fim de construir uma nova sede. Muitos sócios discordaram dessa decisão (O Paiz 05/04/1889, 2). Os conflitos internos se tornaram cada vez mais aparentes.

¹⁶ Esse fato foi abordado por muitos jornais. Um exemplo pode ser visto em: Gazeta de Notícias 11/05/1888, 1.

Em novembro de 1889, o Prado Vila Isabel promoveu suas últimas corridas no hipódromo do Derby Club (Diário de Notícias 04/11/1889, 2). Segundo Cássio Costa (1961), isso se deu por não ter mais condições de pagar as prestações relativas ao terreno do hipódromo. O ano terminou com apenas nove eventos organizados. Mais ainda, fracassou uma assembleia convocada para 30 de dezembro com o intuito de discutir o futuro da agremiação (Diário de Notícias 31/12/1889, 2).

Em janeiro de 1890, ainda foi eleita uma nova diretoria, presidida por João L. C. Moreira (Diário de Notícias 12/01/1890, 2). Logo, contudo, a pauta tornou-se a liquidação da agremiação, algo que se tornou difícil tal o esvaziamento de sócios pela qual passou. Várias foram as tentativas de instituir uma comissão liquidante, processo que durou pelo menos até 1892.

Chegava ao fim a trajetória da sociedade turfística. No lugar do hipódromo, no decorrer do tempo, surgiram loteamentos e logradouros. Durante muito tempo, especialmente nos anúncios de vendas de terrenos, se lembrou da agremiação. Houve mesmo uma Rua do Prado de Vila Isabel.

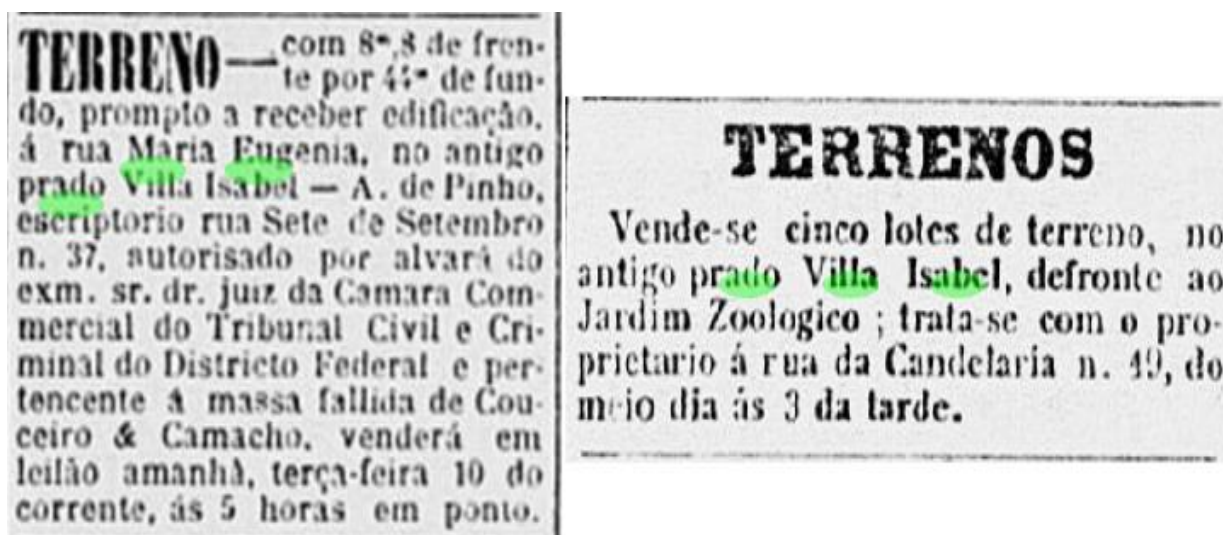


Figura 10: Anúncios de vendas de terrenos no local onde havia o Prado Vila Isabel. Jornal do Brasil 09/06/1902, 3; Gazeta de Notícia 20/03/1910, 12.

Encontramos referências ao Prado até o fim dos anos 1920 (Jornal do Comércio 12/04/1929, 14), um indício de que deixou marcas na memória local, ainda que atualmente quase não se lembre mais de sua existência, dos dias de glória nos quais atraiu grande público para aquele bairro que recém surgira, celebrando ideais de modernidade que as lideranças desejavam conformar como perfil de Vila Isabel.

À guisa de conclusão

Num cenário em que se tornou mais notável o empreendimento imobiliário da Companhia Arquitetônica de Vila Isabel, iniciativa que se articulou com as ações da Companhia Ferro-Carril da Vila Isabel – no bairro de Vila Isabel, primeiro planejado do Rio de Janeiro, o hipódromo investigado, criado em 1884, acolheu três agremiações: o Club de Corridas, o Derby Fluminense (que depois deu origem ao notório Derby Club) e o mais longo Prado Vila Isabel.

Lideradas por importantes personagens da cidade, gente que possuía um perfil empreendedor e progressista, alguns envolvidos com os negócios urbanos, essas associações ajudaram a consolidar a ideia de que o bairro de Vila Isabel era marcado por um caráter moderno, pela adesão a ideais de civilização e progresso.

Mais do que uma questão simbólica – apresentar o imaginário de uma experiência organizada sob um formato moderno em vários aspectos, tratou-se claramente de uma estratégia de conformação de um certo padrão de urbanidade e difusão de certos princípios que enquadravam o comportamento dos moradores e frequentadores do bairro, ainda que esses, em diversas ocasiões, fugissem dos protocolos em função de problemas dos próprios organizadores dos eventos, como a falta de transporte adequado, ou de discordâncias com as posturas esperadas, como no caso dos conflitos diversos no que tange às apostas e resultados.

Da mesma forma, a instalação do entretenimento numa área ainda pouco habitada do bairro chamou a atenção e induziu seu desenvolvimento, potencializando os lucros das Companhias envolvidas. Durante décadas, loteamentos e logradouros que foram construídos nos terrenos onde se encontrava o hipódromo fizeram referência ao Prado Vila Isabel.

Parece relevante destacar como uma diversão foi tanto um resultado quanto um estímulo ao processo de urbanização, tanto um desdobramento quanto um agente do processo de produção do espaço.

Referências bibliográficas

- Abreu, Maurício. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.
- Albernaz, Maria Paula. “As vilas: uma contribuição à história da arquitetura popular no Rio de Janeiro através do estudo do espaço urbano”. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985.
- Andreatta, Verena. *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.
- Azevedo, André Nunes de. “Sob o lume da civilização: um estudo da ideia de progresso no Brasil das últimas décadas do período monárquico”. *Intellêctus*, XIII, n. 1 (2014): 1-23.
-

Benchimol, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 1992.

Carlos, Ana Fani Alessandri. “Henri Lefebvre: a problemática urbana e sua determinação espacial”. *Geosp - Espaço e Tempo*, 23, n. 3 (2019): 458-477. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2019.163371>

Carvalho, José Murilo. “A vida política”. Em *História do Brasil Nação (1808-2010) – volume 2 – A construção nacional (1830-1889)*, org. José Murilo Carvalho, 83-130. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

Costa, Cássio. *O turfê de outrora*. Rio de Janeiro: Vida Turfista, 1961.

Dias, José. *Teatros do Rio: do Século XVIII ao Século XX*. Rio de Janeiro: Funarte, 2012.

Lefebvre, Henri. *A produção do espaço*. Rio de Janeiro, 2006.

Magalhães, Felipe Santos. “Ganhou leva... Do vale o impresso ao vale o escrito. Uma história social do jogo do bicho no Rio de Janeiro (1890-1960)”. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

Melo, Victor Andrade. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

Melo, Victor Andrade. “O sport em transição: Rio de Janeiro, 1851-1866”. *Movimento*, 21, n. 2 (2015): 363-376. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.49489>

Melo, Victor Andrade de. “Uma diversão civilizada – a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892)”. *Locus*, 23, n. 1 (2017): 81-100. <https://doi.org/10.34019/2594-8296.2017.v23.20843>

Melo, Victor Andrade. “Trânsitos culturais: as experiências dos primeiros clubes athleticos do Rio de Janeiro (1873-1883)”. *Movimento*, 25 (2019): e25098. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.90653>

Melo, Victor Andrade. “Novas performances públicas: os clubes athleticos e a educação do corpo (Rio de Janeiro, 1884-1889)”. *Cadernos de História da Educação*, 19, n. 3 (2020): 1051-1068. <https://doi.org/10.14393/che-v19n3-2020-23>

Melo, Victor Andrade e André Leonardo Chevitaese. “Embates na sociedade fluminense: a experiência do Prado Guarany (1884-1890)”. *Revista Brasileira de História*, 38 (2018): 235-258. <https://doi.org/10.1590/1806-93472018v38n78-11>

Mota, Isabela, e Patrícia Pamplona. *Vestígios da paisagem carioca*. Rio de Janeiro: Mauad, 2020.

Pechman, Sérgio; Fritsch, Lilian. “A reforma urbana e o seu avesso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito Federal na virada do século”. *Revista Brasileira de História*, 5, n. 8/9 (1985): 139- 195, set.1984/abr.1985.

Penna-Franca, Luciana. “Teatro amador no Rio de Janeiro: associativismo dramático, espetáculos e periodismo (1871-1920)”. Tese de Doutorado, Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2016.

Santos, Alexandre Mello, Márcia Pereira Leite, e Nahyda Franca. *Quando a memória e a história se entrelaçam*. Rio de Janeiro: IBASE, 2003.

Seabra, Odette Carvalho de Lima. “O pensamento de Henri Lefebvre e a Geografia”. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 74 (1996): 7-21.

Silva, Joseli Maria, Marcio Jose Ornat, e Alides Baptista Chimin Junior. “O legado de Henri Lefebvre para a constituição de uma geografia corporificada”. *Caderno Prudentino de Geografia*, 3, n. 41 (2019): 63-77.

Sobral Filha, Doralice Duque. “Bethencourt da Silva e a sublimidade da arte”. *19&20*, VIII, n. 1 (2013).

Weid, Elisabeth Von Der. “O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro”. *Siglo XIX*, n. 16 (1994): 78-103.

Periódicos

A Folha Nova, Rio de Janeiro, 21/04/1884.

A Folha Nova, Rio de Janeiro, 18/10/1884.

A Semana, Rio de Janeiro, 19/09/1885.

A Semana, Rio de Janeiro, 30/12/1887.

A Vida Fluminense, Rio de Janeiro, 20/12/1873.

Brazil, Rio de Janeiro, 01/11/1884.

Brazil, Rio de Janeiro, 23/11/1884.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, 28/11/1887.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, 26/12/1887.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, 14/04/1888.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, 30/04/1888.

Constitucional, Rio de Janeiro, 15/05/1889.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 17/06/1885

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 14/01/1888.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 30/05/1888

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 24/09/1888.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 04/11/1889.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 31/12/1889.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 12/01/1890.

Diário do Brazil, Rio de Janeiro, 22/04/1884.

Diário do Brazil, Rio de Janeiro, 07/05/1884.

Diário do Brazil, Rio de Janeiro, 18/10/1884.

Diário do Comércio, Rio de Janeiro, 8/10/1889.

Diário do Comércio, Rio de Janeiro, 13/10/1889.

Distração, Rio de Janeiro, 06/11/1884.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 21/06/1884.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 14/10/1884.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 27/10/1884.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 13/12/1884.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 09/02/1885.
Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 23/03/1885.
Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 18/05/1885.
Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 03/10/1885.
Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 12/04/1886.
Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 18/10/1886.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 18/05/1884.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 24/05/1884.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 28/11/1884.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 01/06/1885.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 14/02/1886.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 05/03/1887.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 11/05/1888.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 18/06/1888.
Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 20/03/1910.
Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 09/06/1902.
Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 05/09/1885.
Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 12/04/1929.
O Mosquito, Rio de Janeiro, 11/10/1873.
O Paiz, Rio de Janeiro, 16/12/1884.
O Paiz, Rio de Janeiro, 01/06/1885.
O Paiz, Rio de Janeiro, 09/08/1885.
O Paiz, Rio de Janeiro, 13/09/1886.
O Paiz, Rio de Janeiro, 16/10/1886.
O Paiz, Rio de Janeiro, 20/08/1887.
O Paiz, Rio de Janeiro, 21 e 22/05/1888.
O Paiz, Rio de Janeiro, 05/04/1889.
O Sport, Rio de Janeiro, 26/11/1887.

Recebido: 07 de março de 2021
Aprovado: 10 de maio de 2021